

Empolgação de Juscelino dava ritmo ao trabalho

VERA BRANT

Brasília, em 1960, me lembrava uma seta apontada para o futuro. Os brasileiros de todos os estados aqui se encontraram, na maior empolgação, mostrando o quê e o quanto seriam capazes de realizar. E existia um timoneiro, uma figura extraordinária, que transmitia essa animação a essa gente: Juscelino.

Nunca vi tanto entusiasmo numa pessoa só: olhava uma construção como se estivesse num museu, vendo uma bela obra de arte. Os seus olhos faiscavam de alegria. Esse delírio empolgava e impulsionava os operários que aumentavam o ritmo de trabalho assoviando, cantando, subindo e descendo escadas, jogando tijolos, empurrando carrinhos de cimento como se estivessem realizando a coisa mais importante de suas vidas. E estavam.

Na hora do almoço, esquentavam as marmitas dando risadas, contando piadas, e comiam o seu feijão-com-arroz com o maior apetite. Eu nunca tinha visto nada parecido na vida. Era aqui que eu queria ficar. E fiquei.

Os primeiros anos não foram fáceis. Brasília era um descampado de mato e poeira. Tudo era difícil. Ficávamos naquela de reunir amigos, à noite, para dividir a solidão e a falta do que fazer. Havia o grupo das serestas que era o mais divertido de todos. O César Prates tocava e cantava aquelas modinhas de Montes Claros e de Diamantina.

Quando Juscelino comparecia a uma dessas serestas, a anima-

ção era total. Nunca conheci uma pessoa que conseguisse transmitir, pela expressão do rosto, brilho dos olhos e gestos, tanta alegria e entusiasmo. Parecia um maestro.

Eu trabalhava, nessa época, no Gabinete do Ministro da Educação, Dr. Clóvis Salgado. Saía de lá, mais ou menos, às 6h, chegava no meu apartamento, na SQS 105, e ficava sem assunto, esperando acontecer alguma coisa. Ouvia música, lia os jornais, via televisão, jantava e ia para a janela, espiar o mundo.

Era engraçado. Parecia hora marcada para ir à janela. Eu já sabia, de cor, o quadro: no prédio da frente, aquele senhor, pendurado, quase caindo, querendo ver, naturalmente, alguma mulher da janela do prédio, ao lado, que o obrigava a se debruçar tanto. E mais várias caras, em diversas janelas.

Bem à minha frente, uma velhinha que, sentada numa cadeira, perto da janela, só me deixava ver os seus cabelos brancos. À direita eu via um pedaço do Lago Paranoá, um trecho do Eixo Monumental e as árvores, pequenas ainda, plantadas no centro da avenida. À minha esquerda, via o parque das crianças e, lá longe, mais janelas e mais cabeças. Já estava ficando esagradável aquela repetição.

Nas noites de insônia, a gente chegava à janela e não via viva- alma. E se a insônia era de madrugada, a alvorada era o presente e a compensação de uma noite angustiada. Não podia existir alvorada mais bonita!